

BAIRROS DESAFILIADOS E DELINQUÊNCIA JUVENIL: O CASO DO BAIRRO DA ACHADA GRANDE TRÁS

*Redy Wilson Lima**

Desde a revolução francesa que as cidades são vistas como espaços de democracia e de cidadania, espaços de civilização e o lugar por excelência da afirmação do espaço público (Innerarity, 2010). Actualmente, o debate sobre o impacto da globalização económica e cultural nas cidades leva-nos a pensá-las como uma organização espacial fragmentada, onde grupos dominantes controlam a maioria dominada através da gestão planificada e privatização dos espaços a partir de políticas “excludoras”¹.

Procuramos expor neste artigo as implicações que as estruturas sociais dualizadas podem trazer às sociedades – à sociedade praiense, tomando o bairro da Achada Grande Trás como recorte analítico –, analisando as práticas de ocupação dos territórios urbanos e a sua relação com o surgimento de comportamento grupal juvenil delinquente, bem como as representações desse bairro para os seus jovens, sentido como um espaço comunitário de convivialidade e aprendizagem e da Cidade da Praia, espaço urbano em transformação, marcado pela emergência de uma nova ordem sócio-espacial, assente na desigualdade social e pobreza urbana. Instigamos, também,

*** Assistente Convidado do Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais**

¹ Este artigo apresenta uma primeira reflexão sobre a apropriação e a organização de espaços na Cidade da Praia e a sua relação com o fenómeno da delinquência juvenil. Advém de um trabalho etnográfico em andamento no bairro da Achada Grande Trás junto de jovens pertencentes a antigos grupos *thugs*, *rappers* e outros ainda encarcerados nas teias da delinquência, ancorado numa investigação de maior escala iniciada em Julho de 2006 sobre as crianças e jovens em situação de rua na Cidade da Praia.

uma reflexão sobre as repercussões que uma possível substituição do modelo sócio-espacial da cidade *morabeza*, um lugar de integração (Innerarity, 2010), caracterizada por mecanismos dissimuladores de distâncias sociais, pelo modelo sócio-espacial da “cidade partida”² (Ventura, 1994), assinalada pela segregação espacial, agregação selectiva, onde vigora a lei do mais forte, lugar em que a violência – física e/ou simbólica – nos é apresentada como a forma de relação social por excelência.

Para isto, construiremos o texto a partir da ideia de que vivemos numa sociedade marcadamente desigual, em que a pobreza urbana está em crescimento e em processo de territorialização à margem dos vários centros emergentes e em construção, criando nichos urbanos estigmatizados e criminalizados, levando uma parte dos seus habitantes, especialmente os jovens, a enveredar por caminhos da delinquência como forma de sobrevivência social e económica por um lado e de revolta por outro.

Praia Urbana: Desigualdade Social, Pobreza e Desafiliação

Falar de desigualdades sociais é falar de uma distribuição deficiente de acessos a bens e serviços ou oportunidades, cuja raiz explicativa se encontra nos próprios mecanismos da sociedade (Carvalho Ferreira e outros, 1995). Ela é-nos apresentada na literatura sociológica como uma disparidade, socialmente condicionada, no acesso aos recursos existentes numa dada sociedade. Os grupos dominantes, na tentativa de preservarem o seu domínio físico e simbólico, associam-se, utilizando estratégias baseadas na violência simbólica, legitimadas pelos capitais económicos e sociais possuídos.

Olhando para o espaço social cabo-verdiano deparamos com um país desigual em que o Índice de Gini³ aumentou de 0,43 em 1989

² Conceito criado por Zuenir Ventura no livro publicado em 1994 intitulado “Cidade Partida”, onde considera a cidade de Rio de Janeiro como uma cidade fragmentada em dois mundos, o que dificulta o exercício da cidadania, diferente daquela visão romântica e nostálgica do Rio de ontem – cidade cordial.

³ O Índice de Gini indica o grau de desigualdade na distribuição dos rendimentos (ou do consumo) no seio duma população. Vai de 0 a 1 e tende para 1 quando as distribuições são muito desiguais e para 0 quando são menos.

para 0.59 em 2002. Os dados preliminares do recenseamento geral da população e da habitação 2010 apresentados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) aponta para uma disparidade residencial entre a cidade e o campo, na medida em que, no meio urbano estima-se que residam cerca de 62% da população total⁴ contra cerca de 38% residentes no meio rural.

O êxodo rural em Cabo Verde teve um enorme crescimento nos anos de 1990 com a democratização do país e a opção por uma estratégia de crescimento baseada no sector privado, privilegiando investimentos estrangeiros sem ficar claro as contrapartidas sociais destes. A Cidade da Praia – centro económico e administrativo do arquipélago – ganha uma maior atractividade e é invadida, num primeiro momento, por migrantes rurais e mais tarde por imigrantes da Costa Ocidental Africana com a presunção de fazer de Cabo Verde o trampolim para o *El Dorado* do Norte – Europa ou Estados Unidos da América. Não tendo recursos, apropriaram-se de espaços baldios nas encostas e ribeiras, dentro e nos limites da cidade, em condições, muitas vezes, bastante precárias.

Segundo Innerarity (2010), já lá vão alguns anos em que as cidades vêm passando por um processo de crescimento que não correspondem aos ideais da integração social, espacial e cultural, tornando obsoleta a noção tradicional de cidade. No século XIX, as cidades densamente construídas eram cidades densamente habitadas em que havia densas relações comunicativas (Innerarity, 2010).

A Cidade da Praia, geograficamente voltada para o mar, foi pensada e construída a partir do seu cais, porta de entrada e saída de mercadorias, tido como a infra-estrutura fundamental para o desenvolvimento comercial da ilha de Santiago e do país (Évora, 2009). Deu-se, a partir do final dos anos de 1980, na Cidade da Praia, o mesmo processo acontecido ao longo do século XX nas cidades ocidentais, a periferização espacial, devido, por um lado, às migrações internas, anteriormente referidas, e por outro lado, devido à desterrit-

⁴ Estimado em cerca de 491.575 habitantes.

torialização do comércio e serviços públicos para bairros emergentes, bem como a desterritorialização da elite para bairros emergentes tais como Praínha, Terra Branca, na zona dos Prédios IFH⁵ na Achada Santo António, estendendo até ao Meio da Achada, Palmarejo e Achada São Filipe.

O Plateau, centro à volta do qual a cidade se expandiu no passado, deixou de ser o único centro da cidade para se tornar num objecto de nostalgia sujeito à museificação (Innerarity, 2010), embora, ainda guarde vestígios simbólicos de centralidade, não obstante a descentralização gradual dos serviços públicos e privados para os bairros emergentes. A cidade, vista como um espaço homogéneo, dissolve-se com o crescimento urbano e a tendência é a segregação social, funcional e a homogeneização de grupos, de acordo com os recursos económicos e estilos de vida (Innerarity, 2010). Actualmente, constata-se nas cidades uma configuração de grupos em unidades homogéneas e diferenciadas, sem relação entre si, onde dificilmente se realiza coexistência dos diferentes (Innerarity, 2010). Reparou-se na Cidade da Praia esta tendência. Sendo verdade que constatamos nos bairros da capital do país descontinuidades nos padrões de ocupação espacial⁶, é forçoso afirmar que, também, reparamos um aglomerado urbano com vários centros e várias periferias, onde a vida acontece a partir da circulação periferias/centros, tendo em conta que os principais centros da cidade dependem em grande parte da mão-de-obra periférica e vice-versa.

Verifica-se uma reprodução da realidade histórica sobrado/funco descrita por Gabriel Mariano (1991), considerando os sobrados⁷ os centros acima relatados e os futuros *resorts* e bairros construídos para

⁵ Imobiliária, Fundiária e Habitat, S.A.

⁶ A sociologia urbana tende a caracterizar as cidades a partir do modelo de expansão urbana onde a população popular é posta na periferia, mas, no caso praiense, reparamos que ainda não existe uma segregação urbana nitidamente marcada apesar que encaminhamos para esta realidade. O que se nota na maioria dos bairros, é, em um mesmo bairro, espaços que abrigam extremos de pobreza e riqueza, onde se concentra uma enorme diversidade de modos de vida, discursos e práticas.

⁷ Casas senhoriais faustosas onde os senhores da terra viviam com os seus familiares.

os grupos dominantes, projectados para o futuro e os funcos⁸ os bairros espontâneos construídos à volta, em terrenos apropriados pela classe dominada sem recursos económicos. Quer isto dizer que tomamos os sobrados/bairros centrais enquanto espaços identitários e de reprodução dos grupos dominantes e os funcos/bairros periféricos enquanto espaços identitários e de reprodução dos grupos dominados.

Pegando no conceito da pobreza, a Organização das Nações Unidas segundo Proença (2009), caracteriza a pobreza global como insuficiência de rendimentos e recursos produtivos que garantam condições de vida sustentáveis, pouco ou nenhum acesso à educação e outros serviços primordiais, ausência ou precariedade habitacional, ambientes inseguros e discriminação social e exclusão, dificuldade participativa em tomadas de decisão e na vida civil, social e cultural. A União Europeia visando dar conta de todas as situações da pobreza adopta em 1984 uma definição multi-dimensional da pobreza, considerando pobres “pessoas, famílias e grupos de pessoas cujos recursos (materiais, culturais e sociais) são tão limitados que os excluem do nível de vida minimamente aceitável do Estado membro onde residem” (Proença, 2009: 16).

Consultando o Documento de Estratégia de Crescimento e de Redução da Pobreza (DECRP) de 2004, reparamos que, não obstante o elevado ritmo de crescimento económico dos anos de 1990, cerca de 8,4% de média anual, a proporção dos pobres na população aumentou de 30% para 37% e a de muitos pobres cresceu de 14% para 20%. Tendo em conta os dados do INE (2002), dos 37% da população a viver abaixo do limiar da pobreza, 20% reside na Cidade da Praia, transformando a pobreza num fenómeno urbano, fruto do êxodo rural e migrações inter-ilhas que se verificou com maior intensidade nos anos de 1990. A extrema pobreza (muito pobres) urbana, similarmemente, cresceu rapidamente e pelos dados do INE (2000), pode-se ver que aumentou nesse mesmo período de 7% para 12%.

⁸ Tipo de habitação humilde e rudimentar habitado anteriormente pelos escravos e pessoas mais pobres, mais especificamente no período colonial.

A exclusão social por ser um conceito um pouco ambíguo e analiticamente limitador, propomos o conceito casteliano de desafiliação (2006) para designar grupos de indivíduos separados de seus atributos colectivos, entregues a si próprios, acumulando desvantagens sociais: pobreza, desemprego, sociabilidade restrita, condições precárias de habitação, grande exposição a todos os riscos da existência, etc. Em suma, entregues à condição de vulnerabilidade – económica e social (Lima, 2010). Com esta designação não estamos a declarar que esses grupos estão completamente desligados do social, mas sim que, não obstante se encontrarem num processo de descolectivização social, associam-se a outros grupos na mesma condição social, recolectivizando-se no bairro à margem das convenções sociais. Tomamos os bairros periféricos como espaços desafiliados que, embora aparentemente disfuncionais, são úteis para a funcionalidade dos bairros residenciais que circundam.

“Baxu Praia”: os Subúrbios e os Suburbanos no Imaginário Riba-Praiese

À data da independência do país, a Cidade da Praia era uma cidade dualizada em que o Plateau – “riba Praia” – representava o centro administrativo, político e de poder, onde habitava, sobretudo, a elite⁹ descendente, em parte, da categoria dos antigos brancos da terra descrita por Carreira (1984 [1977]) e os restantes bairros circundantes – “baxu Praia” – representavam a margem, o subúrbio, onde se acomodavam gerações de populações migradas ao longo do século XX. Apesar do discurso socialista/comunista do primeiro governo pós-colonial baseado na planificação social e económica centralizada com a finalidade de se atingir um bem-estar comum fundado nos princípios contemporâneos - igualdade, liberdade e fraternidade - na prática, acabou-se por reproduzir a segregação espacial e social historicamente instituída pelos modos de produção escravocrata e colonialista.

⁹ Famílias latifundiárias, antigos administradores coloniais e intelectuais.

A apropriação residencial do espaço central – Plateau – da cidade pelos governantes de então – espaço simbólico de poder colonial – visava reproduzir uma hegemonia política e conservar um capital simbólico – distinção – através da ocupação de um espaço historicamente dominante.

Analizando o discurso quotidiano dos residentes mais antigos do Plateau notamos que, normalmente, há uma associação identitária dos espaços que o circundam – subúrbios – com uma categoria escravocrata e colonialmente estigmatizada – os badios. Tal como mostrou Varela (2010), as tensões centro/periferia na sociedade cabo-verdiana sempre tiveram o âmago na relação branco/negro através de um discurso normativo e discriminatório traduzido na prática pelo antigo sistema escravocrata no relegar do tipo negro, mestiço, cabo-verdiano para a margem, para a periferia. Este autor defende a tese de que o fim do sistema escravocrata, longe de pôr fim a esta produção simbólica de dominação com base na raça, o homem novo, ensombrado pela configuração anterior, continuou a ser analisado a partir do outro. “O escravo violento, porque resistente, dá lugar ao mulato rebelde a partir do qual se cria a categoria badio com estigmas e conotações adversas” (Varela, 2010).

Assiste-se, ainda hoje, a um discurso assente em características gentílicas estereotipadas quando se fala dos suburbanos e dos subúrbios. Expressões como *gentinhas*¹⁰ ou *gentios de Guiné*¹¹ são usuais no universo comunicativo dos residentes mais antigos do espaço social central – Plateau – e hoje ganham novas roupagens¹². O subúrbio – “baxu Praia” – era aquele espaço onde se concentrava o badio – gente selvagem, sem modos, não ocidentalizados – que pu-

¹⁰ Expressão depreciativa utilizada pelos residentes de “riba Praia” para designar os habitantes dos subúrbios, que quer dizer gente coitada com a mania de superioridade por frequentarem os espaços da suposta elite. É de salientar que esta expressão tem o mesmo significado com o “borda kafê” utilizado actualmente pelos jovens da classe dominante como forma de distinção na preservação do *status* de classe.

¹¹ Expressão depreciativa utilizada pelos residentes de “riba Praia” para designar pessoas negras ou com descendência guineense – descendentes de escravos - africanos.

¹² Se para os jovens pertencentes à classe dominante os jovens “sem berço” são designados “borda kafê” para os jovens periféricos, os considerados da elite ou residentes em espaços centrais são denominados “kopu leti”.

nha em causa as normas e os bons costumes dos praienses. De acordo com Fernandes (2006), alguns intelectuais cabo-verdianos agarrados ao colonialismo tentaram afastar Cabo Verde do continente negro, esforçando uma aproximação à Europa, tendo resultado dessa dinâmica “não apenas o encobrimento das supostas heranças africanas da cultura cabo-verdiana mas também a busca de sólidas bases culturais que legitimassem a pretensão de fazer coincidir culturalmente colonizador e colonizado” (Fernandes, 2006: 168). Desse exercício, segundo este autor, sai a diferenciação horizontal entre indivíduos e grupos homogeneizados pela sua condição sócio-política – assimilados *versus* badios. Esta lógica impõe-se quando analisamos as estratégias distintivas dos de “riba Praia” em relação aos de “baxu Praia”, em que os primeiros tentam impor, através de lutas simbólicas de classificações, a sua visão do mundo social baseada em princípios de di-visão (Bourdieu, 2010 [1989]). Estamos, portanto, perante uma reprodução de um discurso normativo e discriminatório transferido geracionalmente por uma espécie de *habitus* que subalterniza¹³ os não residentes do “riba Praia”. As gentes de “baxu Praia”, interiorizando este discurso e *praxis* estigmatizante, percebidos como naturais, agem de forma subalterna em relação a essas outras gentes tidas como superiores. Poder-se-á afirmar que ao lado da diferenciação horizontal de que fala Fernandes (2006), mobilizando o discurso para o campo das relações sócio-espaciais da Cidade da Praia, reproduziu-se também uma diferenciação vertical¹⁴ sócio-espacial, que com o passar do tempo, começa a ser rejeitada pelos jovens residentes nos bairros periféricos socialmente mais afastados, que numa atitude de revolução simbólica contra a dominação simbólica (Bourdieu, 2001

¹³ Anos antes da independência nacional, o então responsável político da Metrópole na Cidade da Praia numa tentativa de encurtar as assimetrias sociais e escolares entre os de “riba Praia” e os de “baxu Praia”, decretou que a escola primária do Plateau – Escola Grande – recebesse alunos que não residiam nesse bairro. Como forma de protesto por esta possível mistura, os miúdos de “riba Praia” incentivados pelos pais, boicotaram as aulas por considerarem esta deliberação governativa um ultraje.

¹⁴ Fernandes fala de desdiferenciação vertical para dar conta da tentativa de busca de similaridades entre grupos político e socialmente diferenciados, designadamente entre a elite das ilhas e os metropolitanos portugueses. Sobre este assunto ver Fernandes, 2006, pp. 168.

[1989]), através da inversão dos valores que os constitui como estigmas, tentam impor novos princípios de di-visão, definindo o mundo social de acordo com os seus princípios. Na prática, dá-se uma re-apropriação colectiva da identidade, antes estigmatizada, por meio da sua sobrevalorização que se inicia pela reivindicação pública do estigma, construído assim como emblema – segundo o paradigma de que os jovens do *ghetto* são mais *cool* que os “kopu leti” – e que termina na institucionalização positiva desse estigma.

Tendências Actuais

As migrações do interior da ilha para a cidade capital devido à pobreza do mundo rural, abandonado durante décadas pelo poder central - colonial e nacional -, os bádios¹⁵, ao territorializarem espaços circundantes da Cidade da Praia¹⁶, em grande escala nos anos de 1990, reavivaram os espectros da dominação do passado escravocrata e colonial em novos moldes: civilizado, praiense, urbano *versus* bárbaro, badio, suburbano¹⁷.

Os espaços arredores da cidade – terras agrícolas ou terrenos sem uso – apropriados por migrantes em busca de uma vida melhor, numa capital em desenvolvimento económico, consequência das políticas liberais ou semi-liberais pós-partido único, transformaram a cidade numa aglomeração peri-urbana. Este fenómeno de peri-urbanização da capital, por não ter sido planificado e controlado, trouxe significativas transformações na estrutura espacial e social. Torna-se forçoso realçar que ao contrário do acontecido em outras cidades capitais africanas, como por exemplo Luanda e Maputo, em que a peri-urbanização da cidade penetrou os interstícios da “cidade de cimento”

¹⁵ Nome dado aos escravos após a fuga da Cidade Velha, reduto simbólico da dominação escravocrata portuguesa em Cabo Verde para as montanhas do norte.

¹⁶ O facto de nos dias de hoje o Plateau ser, ainda, designado Praia, mostra até que ponto existe ainda resquícios simbólicos dessa dominação.

¹⁷ Convém realçar que se num primeiro momento esta ideia era dominante, com a apropriação destes espaços por migrantes de outras ilhas, o termo badio generaliza-se, passando a designar toda a população natural da ilha de Santiago, negligenciando desta forma o seu carácter cultural, se bem que no jogo da luta simbólica identitária alguns praienses criaram a categoria “badio di Praia” em oposição ao “badio di fora” que carrega o estigma do passado.

(Raposo e Salvador, 2007), aqui, não obstante este avanço rumo ao centro, as características topográficas do centro - Plateau - acabou por ditar a sua não invasão¹⁸. No entanto, a disputa territorial determinada pela necessidade de espaços, quase todos privatizados ou em processo de privatização, das populações suburbanas e das elites urbanas, somada à especulação imobiliária iniciada na segunda metade dos anos de 1990 com a criação dos ZDTI's¹⁹, o anunciado projecto “Santiago Golfo Resort”, ainda por construir, e a territorialização dos grupos dominantes, comércio e serviços para os bairros emergentes tidos como “chiques”, a ocupação espacial e a suburbanização da cidade entrou num novo ciclo. A cidade ganha novos centros – descentralização do Plateau – e consequentemente novas periferias, como referido anteriormente, acentuando a dualidade centros/periferias. Temos então, na actual configuração espacial praiense, as zonas urbanizadas modernas com características ocidentais, com predominância de condomínios semi-luxuosos e vivendas circundados por bairros periféricos habitados pela população desprovida de recursos em espaços caracterizados pela extrema pobreza, onde carências de serviços sociais e de infra-estruturas urbanas fazem-se sentir expressivamente.

Os bairros pobres emergentes e historicamente estigmatizados, onde residem populações que acumulam várias dimensões de pobreza, são por nós designados como espaços de desafiliação. Se é verdade que ao debruçarmos sobre o percurso evolutivo da Cidade da Praia, constatamos alterações positivas ao nível sócio-económico e sócio-demográfico, ao nível da desigualdade social, constatamos um enorme fosso entre os que têm muito e os que nada têm.

Cidade Morabeza *Versus* Cidade Partida

A literatura cabo-verdiana eternizou o conceito *morabeza*, entendida como uma categoria cultural essencial para a manutenção da co-

¹⁸ O Plateau encontra-se num planalto, do nome original Planalto da Boa Esperança, constituído por rochas de difícil edificação residencial.

¹⁹ Zona de Desenvolvimento do Turismo Integrado.

lectividade cabo-verdiana. É tida como aquilo que melhor caracteriza e identifica o cabo-verdiano – cordial, hospitaleiro, solidário, urbano, cosmopolita, democrático, etc. Pina (2006) chama a atenção para o papel do modelo claridoso na definição deste conceito, considerado por ele como “uma espécie de cordialidade crioula, que induz haver [...] uma marcante disposição psicológica democrática naquela cultura” (Pina, 2006: 75). O conceito *morabeza* é, por conseguinte, segundo este autor, encarado na auto-imagem, intelectual e popular, cabo-verdiana como “uma espécie da essência espiritual do insular” (Pina, 2006: 77), que dota este povo de uma singularidade *sui generis* no que toca à convivência social²⁰ herdado da miscigenada cultura e hibridez do arquipélago.

A existência de uma cultura de violência, historicamente legitimada no país (Lima, 2010) e (Varela, 2010) e a existência de históricas tensões sociais entre os de “riba Praia” e os de “baxu Praia”, desterritorializadas agora para os novos centros emergentes e reappropriadas pelos jovens – “kopu leti” *versus* os jovens do *ghetto* –, fazem com que, ao contrário dos que propalam a máxima de sermos o país da *morabeza* e de brandos costumes, na verdade, a Cidade da Praia não se afigura como uma cidade *morabeza*, mas sim como uma cidade partida, marcada pela distância espacial e social entre os seus membros.

Os acontecimentos que assolaram a capital do país entre os finais dos anos de 1990 e os anos de 2000 criaram uma tendência em idealizar a vida cidadina passada como a ideal diante de um presente hostil e violento. Uma análise diacrónica sobre a Cidade da Praia mostra-nos que desde a sua criação, tensões e conflitos estavam acumulados, mas eram prudentemente controlados, primeiramente pelo aparelho repressor e alienador colonial e posteriormente pelo aparelho repressor e alienador socialista/comunista. Era eminente a explosão dessa situação, e que acabaria, como se verificou, com o aguçar das desigualdades sociais nos anos de 1990, intensificadas nos anos

²⁰ Sobre este assunto ver Pina, 2006, pp. 73-90.

de 2000. Com isto queremos dizer, como esboçamos anteriormente, que já existiam, na verdade, “duas cidades” ou como a chama Zuenir (1994) referindo à cidade do Rio de Janeiro, uma “cidade partida”. Uma cidade que, não obstante a desigualdade, a injustiça social e os estigmas existentes, havia uma convivência amena e obediência civil, conseguidas através de mecanismos de controlo. Os pobres e os desprovidos de capitais²¹ aceitavam a sua condição social de dominado, tomada como fatalidades da vida.

O crescimento económico desigual verificado em Cabo Verde a partir dos anos de 1990, acompanhado pelo crescimento de uma economia subterrânea rentável, trouxe à sociedade praiense uma cultura de consumo espelhada em estilos de vida exuberantes, despoletando nas populações aspirações maiores do que as suas possibilidades reais, levando os agentes desprovidos de recursos a não aceitar a condição social dos seus antepassados. Se por um lado, a educação aparece como um meio pelo qual se pode atingir uma mobilidade ascendente, aqueles que por este caminho não conseguiam lá chegar, ora por não se aplicar ora porque a inexistência/insuficiência do capital cultural familiar dificulta a sua integração num meio destinado a grupos com determinadas capacidades, optam por meios ilícitos – moralmente criminalizados, mas socialmente aceites – aproveitando as margens deixadas pelo sistema, transformando-se em inovadores²² (Merton, 1970). O facto de se dar uma excessiva importância a certas metas de sucesso – riqueza acumulada tida como o expoente máximo dos valores desejados –, torna-se natural que todos os que fazem parte dessa sociedade se sintam estimulados a atingir tal meta, isto porque, a riqueza simboliza um elevado *status* social (Lima, 2010).

A expansão urbana da cidade fruto das migrações internas derivadas da exclusão do meio rural e das ilhas periféricas leva à segre-

²¹ Falamos dos capitais propostos por Bourdieu (2001 [1994]) – capital económico, cultural, social, simbólico e político, embora este último não foi muito explorado por este autor.

²² Merton apresenta cinco tipos de adaptação possível face aos valores desejados numa sociedade em que a desigualdade perdura: conformismo, inovação, ritualismo, rejeição e rebelião.

gação espacial – reforça as segregações do passado –, segregação essa que se constitui como um mecanismo específico de reprodução de desigualdades e das oportunidades das populações em situação de desvantagem social. Os grupos acantonados em recortes espaciais estigmatizados constituem a outra cidade, vistos pela maioria da população residente nos centros, como um lugar apocalíptico habitado por pessoas com costumes bizarros, mergulhados numa pobreza geracional, pouco amigos do trabalho, inseridos em famílias desestruturadas, onde proliferam doenças e marginais. Esta imagem do exterior é uma classificação que associa às populações dessa outra cidade uma identidade cultural determinada que funciona como estigma social que lhes é atribuído de forma negativa, desviante dos padrões culturais dominantes (Lima, 2010).

Bairro, *Ghetto* e Interiorização de uma Identidade Bairrista

O bairro da Achada Grande Trás está localizado no interstício do antigo Aeroporto da Praia e do Porto da Praia, e é bem conhecido pelos jovens praienses pelo reduto paradisíaco da Praia do Portinho, uma das praias de mar mais frequentadas aos fins-de-semana para passeios. Trata-se de uma localidade inicialmente rural que sofreu o processo de peri-urbanização nos anos de 1990 com a expansão da cidade – idealizado este espaço como um futuro nicho industrial da cidade²³ – e a edificação de um bairro social que recebesse, num primeiro momento, populações sem recursos, deslocalizadas das barracas do Taiti (zona considerada no passado como o pulmão da cidade) e, num segundo momento, populações deslocalizadas de alguns bairros degradados vítimas da epidemia de cólera que assolou a capital do país no ano de 1995. Posteriormente, as populações recém-chegadas à cidade – rurais ou migrantes de outras ilhas e da Costa Ocidental Africana – começaram a integrar-se ali transformando-o naquilo que Rémy e Voyé (1994) chamaram de “bairros ou comuni-

²³ Na Achada Grande Frente e na Achada Grande Trás estão localizadas importantes armazéns comerciais que servem a cidade.

dades de transição”. É notório que a expansão da Cidade da Praia foi feita a partir da apropriação de espaços limítrofes a edificações mais ou menos urbanizadas ou históricas, quer sejam elas centrais ou periféricas. Nesta zona peri-urbana, este fenómeno resultou na edificação à volta de algumas residências de pescadores fora do perímetro do bairro social no aparecimento de um outro bairro auto-denominado Marrocos²⁴. Na primeira metade dos anos de 2000, enraizado na filosofia de desenvolvimento turístico e empresarial, surge um projecto imobiliário moderno, ambicioso e inovador, ainda por construir, – Ponta Bicuda – com vista a enobrecer aquele espaço.

Um diagnóstico social elaborado pela ACRIDES²⁵ e conduzido pelo arquitecto Almeida (2009), dá-nos conta de um bairro socialmente mais ou menos organizado, com uma associação comunitária activa que tem procurado minimizar os problemas existentes, buscando junto a entidades públicas e privados apoios institucionais para a implementação de projectos de intervenção. Segundo este documento, os maiores problemas com que a comunidade se depara são: questões de insegurança, com algumas queixas contra a polícia; falta de um Centro Comunitário ou Multi-uso que poderia resolver os problemas de ocupação dos tempos livres dos jovens; criação de infra-estruturas de acesso à comunidade que poderia minimizar o custo das deslocações centro/periferia; necessidade urgente de acções de formação dos jovens e chefes de família, preparando-os para uma melhor integração no mercado de trabalho; existência de uma casa de prostituição e uma prática recorrente de recepção de produtos oriundos de furtos e assaltos²⁶; pequeno narcotráfico; atentados ambientais e sociais com a transformação das imediações do bairro em lixeiras de produtos comerciais e de construção civil; e o abandono dos

²⁴ Segundo conversas com alguns moradores ficamos a saber que o nome deve-se à telenovela brasileira "O Clone" passada nos anos 2000 na televisão pública.

²⁵ Associação de Crianças Desfavorecidas.

²⁶ Numa outra investigação etnográfica por nós realizado sobre os modos de vida das crianças em situação de rua, mais concretamente os comumente chamados de crianças de rua, mapeamos o itinerário do contrabando de produtos roubados no Porto da Praia que passam por esta zona, segundo relatos das crianças conhecidas como *mininus de pé di rotxa*, que actuavam nas imediações desse Porto, controlados, em parte, por criminosos adultos e grupos de jovens delinquentes – *thugs* – da ponta da Achada Grande Frente.

equipamentos escolares e sociais por parte do Governo e da equipa camarária.

Portanto, falamos de um bairro marcado por um isolamento social, o que faz com que a sua população reinvente novas formas de integração – alternativas – consideradas muitas vezes como ilícitas. A comunicação social, especialmente a televisão pública, tem dado voz a esta população, sistematicamente massacrada por sucessivos cortes no abastecimento de água e de energia eléctrica, trazendo avultados prejuízos a quem tão pouco tem.

Há no bairro uma consciência colectiva e um sentimento de revolta, especialmente no seio dos jovens, contra as autoridades públicas. Esta consciência – ser do bairro – deve-se à existência na configuração mental dos jovens a noção de lugar (Menezes (2002), interiorizada através do *habitus*, que lhes atribui uma identidade colectiva, ao mesmo tempo estigmatizada e portadora de um certo orgulho de pertença. O sentimento de revolta consequência da situação de marginalidade, em que se encontram, activa o estigma quando estão fora do bairro – lugares exteriores que são percebidos como lugares estranhos –, principalmente, quando se encontram em espaços centrais da cidade no seio de outros grupos. Em Maio último, na 8ª Edição do Festival de Hip Hop Konsienti, realizado pelo grupo informal Djuntarti no Centro Cultural Francês (CCF), situado no espaço nobre da cidade – Plateau -, pudemos *in loco* observar o comportamento de alguns jovens desafiliados deste bairro, pouco acostumados a convivência com habitantes de certos espaços tidos como “kopu leti” e/ou “borda kafe”, ainda mais num espaço alheio simbolicamente discriminador. A circulação dentro do espaço foi sempre em grupo, individualmente tensos, desconfiados e preparados para o que der e vier, atitudes derivadas da moldura que o *habitus* de bairro reproduz na estrutura mental desses jovens. No final, à medida que nos aproximávamos dos seus bairros de residência, o sentimento de alívio e de estar de volta à casa foi crescendo e a valorização do espaço através de adjectivos favoráveis e atribuidores de confiança

torna-se numa constante em comparação com outros bairros considerados por eles inferiores. Reparamos que existe uma tendência em se auto-intitular em habitantes do *ghetto*, destacando as solidariedades e convivência ali existentes em contraposição ao individualismo e calculismo dos centros habitados por “kopu leti”. É forçoso salientar que, ultimamente, os jovens da periferia têm apropriado o termo *di ghetto*²⁷, quanto a nós, numa tentativa estratégica identitária de tornar o estigma de grupo em algo positivo.

Wacquant (2004) mostra a diferença conceptual entre *ghetto* – utilizado para se referir a residências de judeus europeus nos portos do atlântico – e *slum*²⁸ – enquanto área de moradia precária e de patologia social. O termo *ghetto* expandiu-se e passou a incluir, nos Estados Unidos da América, todas as áreas urbanas onde migrantes tidos como exóticos se juntavam, mais concretamente, imigrantes pobres do sudoeste europeu e afro-americanos deslocados dos Estados do Sul. Face à preocupação da classe dominante com relação à assimilação desses grupos ao padrão anglo-saxónico predominante no país, o termo passou a referir-se, no contexto norte-americano, “à intersecção entre bairros étnicos e *slums*, em que a segregação se juntava ao abandono físico e à superpopulação, exacerbando assim males urbanos como a criminalidade, a desintegração familiar, a pobreza e a falta de participação na vida nacional” (Wacquant, 2004: 156). Este autor lembra que o termo ganha autoridade científica com o paradigma ecológico da Escola de Chicago pela mão de Louis Wirth, mas desaconselha a sua utilização indiscriminada pelas ciências sociais em outros contextos com dinâmicas histórias, espaciais e sociais completamente diferentes.

No caso cabo-verdiano, o termo é importado da cultura hiphopiana norte-americana e apropriado e incorporado no universo linguístico cabo-verdiano, querendo designar todo o espaço periférico. Convém salientar que, em alguns casos, a divisão histórica “riba

²⁷ Popularizado pelos MC's periféricos.

²⁸ Palavra utilizada para descrever uma área de dilapidação imobiliária, que por extensão, tende a designar uma vizinhança de má reputação e indesejável. Como se designa os bairros de lata em Mumbai, Índia.

Praia/baxu Praia” serviu de linha divisória simbólica entre o *ghetto* e o lugar dos “kopu leti”, ou seja, Praia *versus* subúrbio. O primeiro pensado como o espaço de oportunidades e o segundo como o espaço onde se concentram os segmentos sociais que apresentam maiores desvantagens no acesso às oportunidades.

Embora não estejamos de acordo com a forma indiscriminada como o termo *ghetto* foi apropriado e transportado para a linguagem acadêmica cabo-verdiana como tentativa de explicar algumas dinâmicas espaciais da cidade, reconhecemos que alguns bairros surgidos na década de 2000 apresentam essas características. A falta de intervenção dos poderes centrais e locais nesses bairros, o seu enclausuramento espacial e a distância social em relação aos centros, cria na população um sentimento de abandono e a consequente discriminação social. Apesar da distância espacial e social do bairro da Achada Grande Trás, conceptualmente, não o consideramos como um *ghetto*.

Wolf Gang e a Reprodução da Delinquência Juvenil

O surgimento neste bairro de grupos de jovens com comportamentos delinquentes, auto e hetero-proclamados *thugs*²⁹ considerados por Lima (2010) como tribos urbanas fruto das reorganizações sociais resultantes da individualização social numa sociedade com características híbridas, pode ser explicado pela necessidade reivindicativa desses jovens em se mostrarem presentes numa sociedade que os tem marginalizado e estigmatizado.

Em conversas com Shade B³⁰ e alguns elementos dos grupos Wolf Gang, Lost e On Fire, conseguimos validar essa hipótese e localizar temporalmente o surgimento de grupos com características *thugs* neste bairro.

No final dos anos de 1990, assim como nos outros bairros periféricos, o ponto de referência do bairro era apropriado pelos jovens e era nesse espaço onde se aprendia as melhores estratégias para se

²⁹ Sobre este assunto ver Lima, 2010, pp. 191-220.

³⁰ *Rapper* referência do bairro e ex-MC dos Wolf Gang

contornar as dificuldades da vida. Funcionava como um fórum alternativo de socialização e de afirmação pessoal e social. Segundo Shade B, era ali onde se aprendia a conquistar uma mulher e onde se vangloriava os sucessos das conquistas. Falamos de uma época em que ser *yo*³¹ era moda e era o que impressionava as jovens. Ser *yo* significava ser macho.

No início dos anos 2000, o *rapper* norte-americano 50 Cent, integrante do grupo G-Unit³², internacionalizou-se e estando Cabo Verde inserido numa aldeia global tecnológica, fruto do processo da reglobalização (Toffler e Toffler, 2007), a fama rapidamente chegou às ilhas. O processo da reamericanização³³ dos jovens cabo-verdianos em geral e dos jovens praienses em particular entrou num novo ciclo. A tendência desses jovens era imitar os grupos poplizados pela MTV. Muitos grupos *hip hop* norte-americanos carregavam nos nomes os termos *gangs* e/ou *thugs*, o que influenciou o surgimento, na Achada Grande Trás, dos Wolf Gang, grupo de jovens ligados entre si pela solidariedade, pela convivialidade, pela música e pela pertença comunitária.

Pertencer ao grupo Wolf Gang determinava o respeito e a admiração do jovem na comunidade o que maximizava o lucro na economia da atenção. Processo idêntico aconteceu nos outros bairros da capital. No bairro da Várzea, por exemplo, apareceu um grupo denominado G-Unit que, segundo alguns jovens com quem conversamos, foram os responsáveis pela introdução dos adornos – medalhões, pulseiras, brincos brilhantes e volumosos, lenços e bonés postos de lado, meda-lhas – na nova cultura grupal emergente.

³¹ Expressão utilizada nessa época para designar os jovens que apreciavam e reproduziam a cultura do *hip hop* norte-americano, isto é, o *rap* era o género musical mais ouvido e vestiam-se tal e qual os *rappers* norte-americanos – calças e *t-shirts* largas..

³² Diminutivo de Guerrila Unit. Um grupo *gangsta rap* criado por 50 Cent em 2003, juntamente com os seus amigos de infância com os quais sobreviviam nas ruas de Nova Iorque vendendo droga.

³³ Consideramos esta a terceira fase da americanização de Cabo Verde. A primeira fase tem a ver com as influências reproduzidas pelos emigrantes cabo-verdianos nos Estados Unidos de América e seus familiares e o segundo com as deportações dos jovens desse país do continente americano, com processos relacionados com a criminalidade.

Todos os bairros possuem pelo menos um MC e os grupos, normalmente, andavam à volta dele, acompanhando-o nas actividades culturais em que eram convidados fora da comunidade. Desta feita, os “bifes”³⁴, iniciados na segunda metade dos anos de 1990 entre os *zouk rappers*, Chandinho Dédé e Djédjé, radicados nos Estados Unidos de América, foram imitados e posteriormente intensificados pelos MC’s emergentes nos bairros periféricos. Foi desta forma que os Wolf Gang ganharam fama na cidade, sobretudo, devido ao “bife” existente entre os MC’s dos Wolf Gang contra os do grupo Karaka de Lém Ferreira.

Como nos conta Shade B, inicialmente, havia um “battle rap”³⁵ entre eles e não um “bife”. Situação idêntica acontecia com alguns grupos *rappers* de outros bairros que nas palavras de Nuts, um dos MC’s do grupo de rap GPI-Knowledge de Castelão, essas batalhas de letras transformavam-se em confrontos físicos entre elementos desses grupos, inicialmente, no interior das Escolas Secundárias, mais concretamente no Liceu Domingos Ramos. Portanto, as rivalidades entre os grupos em geral e entre Wolf Gang e Karaka ganharam outras proporções que no entender de Shade B, fizeram com que essas “battles rap” se transformassem em “bifes” individuais e territoriais. Como consequência, os jovens de Achada Grande Trás deixaram de poder frequentar Lém Ferreira e vice-versa.

Os amigos e um *rapper* deportado dos Estados Unidos de América e líder de um grupo com as mesmas características na Achada Grande Frente – Boston³⁶ –, conforme nos conta Shade B, foram os maiores incitadores dessa rivalidade, uma vez que, levavam as mensagens contra a malta de Achada Grande Trás, exigindo respostas à

³⁴ Disputas entre os MC’s usando palavras provocativas e estigmatizantes.

³⁵ Um estilo de rap onde o MC expressa o que sente no momento, onde se inclui fanfarronices (gabanço e ostentação), através da combinação, nas letras das músicas, de humilhações e insultos contra o oponente real ou imaginário.

³⁶ Mais tarde houve desavenças entre alguns elementos, mais novos, do grupo e o líder, antigo membro do grupo de jovens deportados dos Estados Unidos da América, CVP, grupo esse com elementos tidos como os mais perigosos chegados à cidade da Praia no final dos anos de 1990. Dessas desavenças, o grupo partiu-se em dois ficando os Boston e os Real Boston, este último criado pelo antigo líder dos Boston.

altura. Pouco a pouco as confrontações entre esses dois grupos tornaram-se insustentáveis e as armas entraram em jogo.

Para além da rivalidade com os Karaka, o grupo Wolf Gang iniciou uma “guerra”³⁷ contra o grupo On Fire de Marrocos e, em algumas ocasiões, o confronto estendia-se aos grupos da Achada Grande Frente. Nasceu assim um triângulo de violência territorial entre as zonas Achada Grande Trás, Achada Grande Frente e Lém Ferreira³⁸. As ameaças eram quase sempre feitas através do micro.

O tipo de violência normalmente utilizado por eles, é aquilo que Cusson (2007) chama de violência como defesa³⁹, que pode ser utilizada por antecipação precavendo-se de um ataque futuro, ora por vingança ora como forma de reparar um mal causado.

Para além dos grupos rivais, a polícia era tida como inimiga, existindo também uma aversão aos jovens dos centros retratados como “kopu leti”. A violência contra esses últimos é por nós entendida como uma tentativa de rejeição da diferenciação vertical social, interiorizada pelos seus progenitores no passado. Nestes termos, poder-se-á dizer que a violência simbólica era traduzida em violência física como forma de legitimação do poder (Lima, 2010).

É no bairro que essa cultura de resistência é interiorizada, funcionando como um fórum alternativo em que a dignidade pessoal e social é afirmada, fórum esse potenciador do reinventar e/ou reajustar de valores e ideologias novas em oposição à exclusão promovida pelos grupos dominantes (Bourgois, 2001). O sentimento de revolta contra os “kopu leti” é ali socializado, dotando o grupo de uma consciência colectiva contra este oponente. As vitórias nas batalhas urba-

³⁷ Ou *fight* como são denominados as lutas entre os grupos *thugs*.

³⁸ É de realçar que para além dos Wolf Gang, os grupos maioritários de cada zona tinham outras frentes de batalha. Por exemplo, os Karaka lutavam, simultaneamente, contra o grupo de Achada Grande Frente e, em algumas situações, contra grupos do Paiol, mais concretamente contra os Baghdad do Coqueiro. Muitas destas rivalidades são históricas, embora, não de forma tão aberta e violenta como agora.

³⁹ Com isto não queremos dizer que é apenas este tipo de violência existente no bairro. Numa investigação anterior, com um universo maior, pudemos a partir de observações e conversas informais com os jovens delinquentes, tipificar mais quatro formas de violência e delinquência perpetuados por grupos com essas características na Cidade da Praia: violência gratuita ou como lazer; violência como forma de legitimação de poder; violência como factor de moda; e violência como forma de obter dinheiro.

nas contra grupos dos outros bairros periféricos são, neste contexto, entendidas como uma ostentação simbólica de poder. Isto é, serve como um aviso e uma ameaça contra os jovens providos de capital, entendidos como concorrentes na bolsa das oportunidades sociais, apesar dessa concorrência ser entendida como desleal. Digamos que para esses jovens, a institucionalização positiva do estigma processa a partir da reapropriação da identidade *thug*, isto é, ser *thug* constitui-se um emblema – segundo o paradigma de que os *thugs* são machos e os “kopu leti” uns covardes.

A atenção e a admiração que esses grupos alcançaram na camada juvenil do bairro fez despoletar nas consciências infantis o desejo de ser *thug*, fazendo com que alguns comesçassem a imitá-los. Surgiam deste modo grupos de crianças denominados por Lima (2010) como grupos *kasu bodi*⁴⁰ e designados por alguns *thugs* como *thuguinhos*. Para os seniores esses grupos *kasu bodi* funcionavam, consciente ou inconscientemente, como uma academia onde futuros soldados poderiam ser recrutados.

No recorte espacial em estudo, esses grupos auto denominaram-se Lost e, actualmente, com a desactivação dos Wolf Gang, são eles quem comandam a zona. Essa desactivação deve-se a três factores: o primeiro, entre Dezembro e Janeiro dos anos 2009 e 2010 respectivamente, houve uma forte repressão policial e judiciária em vários bairros da capital, derivado do rescender da violência que se pensava finda. Das rusgas efectuadas, o arsenal bélico do grupo foi encerrado (constituído por 6.35, alguns *boka bedju*⁴¹ e inúmeras armas brancas onde se destacam as facas e os machados). Alguns elementos do grupo viram as suas liberdades limitadas, visto que, foi-lhes aplicado termo de identidade e de residência, outros, a maioria, saíram do tribunal apenas com reprimenda.

⁴⁰ Normalmente, eram eles os responsáveis pelos roubos e assaltos. Os lucros da sua actividades revertiam na compra de armas para defesa pessoal e/ou como forma de entrada nos grupos *thugs*. Torna-se forçoso salientar que algumas vezes eram utilizados pelos grupos *thugs* nos assaltos devido à sua situação de inimizabilidade. Ao considerarmos-lhes grupos *kasu bodi* não estamos a afirmar que são eles os responsáveis por todo o tipo de roubos e assaltos na Cidade da Praia. Fazem parte deste universo, também, indivíduos jovens ou não, cuja actividade profissional é o roubo e o assalto sem qualquer pretensão de inserir um grupo *thug* e toxicodependentes.

⁴¹ Arma artesanal fabricado a ilha de Santiago a partir de ferro e metal.

mendas, tendo havido um caso de encarceramento na Cadeia Central da Praia. O segundo factor deve-se ao facto de Shade B, MC com uma grande visibilidade no bairro, consciencializou-se da difusão do mal no seio dos jovens, dando início a uma nova carreira a solo como *rapper* consciente⁴², tentando a partir das suas rimas evitar que as crianças caíam nas trilhas da delinquência. O terceiro factor deve-se ao trabalho social comunitário efectuado pela ACRIDES. Convém acentuar que o alvo inicial dessa associação eram as crianças em situação de rua, mais concretamente as crianças desprotegidas nos bairros de origem, que tal como nos confidencia a sua Presidente, veio a descobrir-se que eram, na sua maioria, filhos dos ditos *thugs*.

Violência, Estigma e Políticas Públicas

A partir dos finais dos anos de 1990 e início dos anos de 2000, os praienses depararam-se com níveis de violências consideradas drásticas, visto os elevados graus de espectacularidade em que os homicídios e tiroteios aportavam. No imaginário dos praienses, duas figuras sociais emergentes foram os responsáveis pela onda de violência: os deportados e os *thugs*. Os primeiros, pelo envolvimento com o narcotráfico na forma de matadores profissionais e os segundos, influenciados em parte pelos primeiros, adoptando o seu estilo de vida a partir das suas histórias de *street life* e *street soldjas* nos *ghettos* norte-americanos.

Antes disso, salvo episódios da delinquência juvenil perpetuados pelos “piratinhas”⁴³ e “netinhos de vovó”⁴⁴, não há memória colectiva dos anos anteriores no que toca a elevados índices de violência urbana. Se é verdade que não há registos de tamanha violência, também é verdade que, em Cabo Verde, ela é histórica e estrutural (Varela, 2010).

⁴² Termo utilizado para designar os MC's que conhecem a verdadeira essência da cultura *hip hop*, usando o micro para consciencializar as populações sobre os problemas sociais e apontando possíveis soluções.

⁴³ Nomes como eram conhecidas as crianças de rua na Cidade da Praia nos anos de 1990.

⁴⁴ Esta denominação é explicada segundo duas versões diferentes, uma relacionando-os ao estilo *rude boy* jamaicano patente no grupo *reggae* com o mesmo nome surgido na Cidade da Praia nessa época. A outra refere-se a uma determinada idosa que mantinha uma relação maternal com esses jovens a quem chamavam de vovó e para quem “trabalhavam”.

Numa época em que os índices que medem a desigualdade social colocam o país numa posição desconfortável, não obstante os elevados ganhos conseguidos que catapultaram Cabo Verde para o grupo de Países de Desenvolvimento Médio (PDM), essa situação, representa uma real ameaça à imagem do país, vendida como sendo o país da *morabeza*. Desta forma, a violência urbana é tratada como uma patologia social, em que fortuito será a identificação da estirpe com vista à sua erradicação. Cabe à comunicação social o papel instrumental de divulgar a ideológica visão de que a delinquência juvenil colectiva urbana é a violência em si e não uma das suas manifestações, escondendo assim a verdadeira raiz do problema – a violência estrutural.

Os objectivos são claros: por um lado há a transferência da culpabilização do Estado para as famílias⁴⁵ e por outro há a mimetização da delinquência juvenil e da violência, restringindo o seu combate e prevenção a uma mera questão de segurança pública e repressão policial. Segundo Neto e Moreira (1999), enfatizando a realidade brasileira, esta posição pública governamental representa uma visão reducionista e preconceituosa, associando a delinquência a bairros patológicos e a indivíduos desprovidos de capital⁴⁶.

Compete ao Estado o papel de pautar para o bom funcionamento das estruturas que o compõem com vista a oferecer melhores condições de vida para a totalidade da população. Direitos básicos dos indivíduos como o acesso à alimentação, educação e saúde são por ele definidos e implementados a partir de políticas públicas. Este instrumento deve ser orientado para arbitrar de forma justa as tensões sociais, promovendo a igualdade entre os cidadãos e a elevação de sua qualidade de vida. Ao invés disso, na prática, se calhar por im-

⁴⁵ A tão difundida ideia da desestruturação familiar como causa dos problemas que afligem a actual sociedade cabo-verdiana é uma das tentativas dessa desculpabilização.

⁴⁶ Em 2010, um mês depois da violência juvenil urbana colectiva ter entrado na agenda política, as forças policiais – civis e militares – sob a supervisão do Ministro da Administração Interna, desencadearam uma operação policial gigantesca na Cidade da Praia denominada "ratoeira", que consistia em rusgas espontâneas e prolongadas nos bairros periféricos e policiamento de proximidade ou protecção nos bairros centrais.

posição de uma agenda externa, em Cabo Verde, reparamos que o Estado tende a favorecer a inserção do país na economia mundial, privilegiando o mercado em detrimento das populações.

O bairro de Achada Grande Trás, pela sua localização geográfica, representa um valor acrescido no desenvolvimento económico da cidade, contudo, a sua população encontra-se marginalizada e portadora de *handicaps* sociais.

O rendimento dos jovens provém dos trabalhos esporádicos na empresa privada de venda a grosso e retalho ADEGA SARL. Da conversa com a Presidente da ACRIDES e com os jovens do grupo Wolf Gang percebemos que a relação entre esta empresa e a população em geral do bairro é de um misto amor e ódio. Quando há contentores para descarga, os jovens chegam a ganhar numa semana aquilo que não conseguiriam amealhar num mês, nos incalculáveis trabalhos precários existentes no país. O problema é que nem sempre há contentores e devido ao elevado insucesso escolar no seio dos jovens do referido bairro, dificilmente conseguem outro tipo de emprego. Ciente desta situação e da inexistência de políticas públicas direccionadas para o bairro, a ACRIDES, tendo detectado que um dos maiores problemas da comunidade é o desemprego e a delinquência, mobilizou recursos financeiros e humanos em instâncias públicas e privadas na tentativa de minimizar o isolamento espacial e social da zona.

A Presidente da ACRIDES chegou-nos a confidenciar a surpresa com que ficou depois dos primeiros contactos com os jovens *thugs* da Achada Grande Trás, visto que, em vez de encontrar pequenos “monstros”, deparou-se com jovens meigos e talentosos. Confessou-nos a reacção negativa das gentes do centro à sua aproximação a esses *folk devils*, considerando-a como uma mulher corajosa por estar no meio de jovens “bárbaros”.

Obviamente, a visão que os residentes dos centros da cidade têm desses bairros e dos seus habitantes é quase sempre preconceituosa. Imaginam-nos como paisagens apocalípticas constituídas por pessoas com costumes bizarros, mergulhados numa pobreza geracional,

pouco amigos do trabalho, inseridos em famílias desestruturadas, onde proliferam doenças e marginais (*gangs*). Esta imagem do exterior é uma classificação que associa estas populações a uma identidade cultural determinada, que funciona como estigma social que lhes é atribuído de forma negativa, desviante dos padrões culturais dominantes.

Ultrapassado o problema do preconceito para com as gentes da periferia, poder-se-á considerar a intervenção da ACRIDES na comunidade como positiva, tendo dado uma importante ajuda no estancamento da delinquência juvenil colectiva no bairro. Conseguiu-se realizar na paz actividades culturais, desportivas e sociais, promovendo confraternizações entre os jovens, forças policiais e militares, bem como com jovens de outros bairros, como por exemplo, Tira Chapéu, possibilitando uma aparente trégua entre os Wolf Gang e os On Fire. Para um dos elementos do Wolf Gang, a única crítica que se poderá fazer à ACRIDES é ter-se preocupado apenas com os jovens do bairro social⁴⁷, negligenciando os antigos rivais de Marrocos.

Um dos factores da passagem pacífica do estatuto *thugs* para o estatuto de activistas comunitários, inseridos numa associação comunitária⁴⁸, deve-se à semelhança organizativa destes dois espaços públicos, o que levou Lima (2010) a equiparar alguns grupos *thugs* a uma associação juvenil comunitária informal.

Apesar dessas intervenções terem proporcionado a possibilidade de alguns jovens do bairro frequentarem Escolas Profissionais e da zona ter vivido alguns meses de paz, timidamente, os Lost, têm reivindicado a antiga posição do grupo sénior, reiniciando batalhas com alguns jovens de Marrocos. Por duas ocasiões, a rua principal do bairro social serviu de palco de batalhas entre eles, com os membros dos Wolf Gang a assistir sem que tivessem interferido. É de realçar que os Lost não possuem a mesma estrutura nem a mesma força que os Wolf Gang, mas segundo estes últimos, têm muito menos a per-

⁴⁷ O bairro original urbanizado.

⁴⁸ Embora ainda não oficializada, segundo o actual Presidente da associação, antigo líder dos Wolf Gang, versão grupo *thug*.

der. Para Shade B, o que tem travado as tentativas de uma volta ao passado, no que toca à violência, tem sido o firme papel de mediador de conflitos que alguns elementos do Wolf Gang e alguns moradores têm invariavelmente feito.

Bibliografia

Almeida, Helder (2009), *Diagnóstico social da comunidade de São Tomé e dos bairros Achada Grande e Achada Grande Trás – Plano de Desenvolvimento Integrado*, Praia, ACRIDES

Balsa, Casimiro (2006), “Espaço e exclusão, espaços de exclusão”, em Casimiro Balsa (org.), *Relações sociais de espaço*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 13-33

Bourdieu, Pierre (2001 [1989]), *O poder simbólico*, 4ª Edição, Miraflores, DIFEL

_____. (2001 {1994}), *Razões práticas: sobre a teoria da acção*, 2ª Edição, Oeiras, Celta

Bourgois, Philippe (2001), *En quête de respect: le crack à New York*, Paris, Seuil

Carreira, António (1984 {1977}), *Cabo Verde: aspectos sociais, secas e fomes do século XX*, 2ª edição, Lisboa, Biblioteca Ulmeiro

Carvalho Ferreira, J.M. e outros (1995), *Sociologia*, Lisboa, McGraw Hill

Castel, Robert (2006), “Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social”, em Casimiro Balsa, Lindomar Wessler Boneti e Marc-Henry Soulet (org.), *Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional*, Ijuí e Lisboa, Editora Unijui e CEOS, pp. 63-77

Crozier, Michel e Erhard Friedberg (1977), *L'acteur et le système*, Paris, Seuil

Direcção Geral de planeamento (2004), *Objectivos do milénio para o desenvolvimento – relatório 2004 (Cabo Verde)*, Praia, Ministério das Finanças e do Planeamento

Cusson, Maurice (2007), *Criminologia*, 2ª Edição, Cruz Quebrada, Casa das Letras

Évora, José Silva (2009), *A Praia de 1850 a 1860: o porto, o comércio e a cidade*, Praia, IAHN

Fernandes, Gabriel (2006), *Em busca da Nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*, Florianópolis, Editora da UFSC

Instituto Nacional de Estatística (2002), *Perfil de pobreza em Cabo Verde: inquérito às despesas e receitas familiares – 2001/2002*, Praia, INE

Instituto Nacional de Estatística (2010), *Apresentação de dados preliminares do IVº Recenseamento Geral da População e Habitação 2010*, Praia, INE

Innerarity, Daniel (2010), *O novo espaço público*, Lisboa, Editorial Teorema

Lima, Redy Wilson (2010), “Thugs: vítimas e/ou agentes da violência?”, *Revista Direito e Cidadania (Edição Especial – Política Social e Cidadania)*, nº 30, pp. 191-220

Mariano, Gabriel (1991), *Cultura caboverdeana: ensaios*, Lisboa, Veja

Menezes, Marluci (2002), *Espaço: manutenção, mudança e representação na Madragoa*, Lisboa, LNEC

Merton, Robert K. (1970), “Estrutura social e anomia: revisão e ampliações”, em Ruth Nanda Anshen (org.), *A família: sua função e destino*, Lisboa, Editora Meridiano

Neto, Otávio Cruz e Marcelo Rasga Moreira (1999), “A concretização de políticas públicas em direcção à prevenção da violência estrutural”, *Ciência & Saúde Colectiva*, Vol 4, nº1, pp. 33-52

Pina, Leão Jesus (2006), *Valores e democracia em Cabo Verde: entre adesão formal e embaraço cultural*, Dissertação de mestrado, Brasília, ICS – UNB

Proença, Carlos Sangreman (2009), *A exclusão social em Cabo Verde: uma abordagem preliminar*, Lisboa, CESA

Raposo, Isabel e Cristina Salvador (2007), “Há diferença: ali é cidade, aqui é subúrbio. Urbanidade dos bairros, tipos e estratégias de habitação em Luanda e Maputo”, em Jochen Oppenheimer e Isabel Raposo (coord.), *Subúrbios de Luanda e Maputo*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 105-138

Rémy, Jean e Liliane Voyé (1994), *A cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto, Edições Afrontamento

Ribeiro, Luiz de Queiroz e Luciana Corrêa do Lago (2001), “A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro”, *São Paulo em Perspectiva*, Vol. 15, nº1, pp. 144-154

Ribeiro, Luiz César de Queiroz e Orlando Alves dos Santos Junior (2005), “Democracia e cidade: divisão social da cidade e cidadania na sociedade brasileira”, *Análise Social*, volume XL (174), pp. 87-109

Toffler, Alvin e Heidi Toffler (2007), *A revolução da riqueza*, 3ª Edição, Lisboa, Actual Editora

Varela, Aquilino (2010), “A violência em cabo verde: entre a fantasmagoria da história, a desterritorialização das tensões sociais e novos agenciamentos”, Comunicação apresentada no *Colóquio Segurança e Violência em Cabo Verde*, Universidade de Santiago, 21-22 de Abril

Ventura, Zuenir (1994), *Cidade Partida*, São Paulo, Companhia das letras

Wacquant, Loic (2004), “Que é gueto? Construindo um conceito sociológico”, *Revista de Sociologia e Política*, nº 23, pp. 155-164

Xiberras, Martine (1993), *As teorias da exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa, Instituto Piaget

